



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ – UFOPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE - ICS
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA - PAA
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

ISABEL BENTES PEREIRA

**TRAJETÓRIA E VIDA DO RABINO MARROQUINO EMANUEL MUYAL:
MEMÓRIAS JUDAICAS SOBRE O RAV MUYAL E A DEVOÇÃO DA
COMUNIDADE CATÓLICA AO SANTO JUDEU MILAGREIRO**

SANTARÉM – PA

2019

ISABEL BENTES PEREIRA

**TRAJETÓRIA E VIDA DO RABINO MARROQUINO EMANUEL MUYAL:
MEMÓRIAS JUDAICAS SOBRE O RAV MUYAL E A DEVOÇÃO DA
COMUNIDADE CATÓLICA AO SANTO JUDEU MILAGREIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia (PAA), como requisito parcial a obtenção do título de bacharel em Antropologia pela Universidade Federal do Oeste Pará.

Orientador: Prof. Miguel Aparicio Suárez

SANTARÉM – PA

2019

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) Sistema Integrado de Bibliotecas –
SIBI/ UFOPA**

P436t Pereira, Isabel Bentes

Trajectoria e vida do Rabino marroquino Emanuel Moyal: memórias judaicas sobre o Rav Moyal e a devoção da comunidade católica ao Santo Judeu Milagreiro. / Isabel Bentes Pereira. – Santarém, 2019.

52 p.: il.

Inclui bibliografias.

Orientador: Miguel Aparicio Suárez

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Curso Bacharelado em Antropologia.

1. Migração judaica. 2. Memória. 3. Cemitério. I. Suárez, Miguel Aparicio, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 296.092



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

ISABEL BENTES PEREIRA

“TRAJETÓRIA E VIDA DO RABINO MARROQUINO EMANUEL MUYAL: Memórias Judaicas Sobre O Rav Muyal e a Devoção da Comunidade Católica Ao Santo Judeu Milagreiro”,

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Antropologia com objetivo de obter aprovação na disciplina TCC-3, e obtenção de grau de Bacharelado em Antropologia na Universidade Federal do Oeste do Pará.

Nota: 8.5

Data de Aprovação 18/12/2019

PRESIDENTE: Prof^a. Dra. Carla Ramos Munzanzu
Universidade Federal do Oeste do Pará

AVALIADOR(A): Prof^a. Dra. Lucybeth Camargo de Arruda
Universidade Federal do Oeste do Pará

AVALIADOR(A): Prof^a. Dra. Anne Rapp Py Daniel
Universidade Federal do Oeste do Pará

O novo espiritualismo é mais fraterno e cooperativo, menos sectário e mais humano ao aceitar o princípio bíblico de que a casa do Senhor tem muitas moradas e, por isso, todas religiões devem ser respeitadas e estimuladas para poder enfrentar o assédio de secularização do materialismo, do existencialismo virtual e dionisíaco dos prazeres efêmeros e passageiros em prejuízo dos valores permanentes e eternos. [...] o novo orgulho de ser judeu, católico ou evangélico – sem rivalidades, nem ressentimentos de opróbrio e vilipêndio, mais humano no puro sentimento do amor e fraternidade constituem uma nova mensagem a ser ouvida e praticada nas vésperas e nos amanhãs do terceiro milênio. Samuel Benchimol, Eretz Amazônia

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, que sempre me deu forças para superar as dificuldades e por ter me dado uma vida repleta de pessoas com quem eu pudesse contar

Ao meu pai Márcio e minha mãe Dyana que sempre foram meu lar e não mediram esforços para eu chegar até aqui, sempre me dando forças, me incentivando e apoiando minhas escolhas com muito amor, zelo e paciência

A minha irmã Isadora, a pessoa mais amável e paciente que esteve comigo e entendeu que minha ausência dedicada aos estudos fazia parte da minha construção

Agradeço ao corpo docente da UFOPA por todo o ensino a mim repassado

Agradeço imensamente ao meu orientador e costumo dizer, pai da academia, Miguel Aparicio, que sempre tinha tempo para me ouvir e abraçava minhas ideias, agradeço imensamente por ter sido tão amoroso e cuidadoso comigo neste processo, e pelos sorrisos nos corredores, que me faziam encarar qualquer dia ruim

De forma saudosa, agradeço em memória meu bisavô Faustino Sales e ao meu avô Orlando Ibanêz, amarei vocês enquanto viver

A minha família Sales que me acolheu com muito amor e me deram incentivo, sendo fundamentais para me conceder sorrisos e alegrias, em especial, a minha tia Izabel Sales que me acolheu como filha e ao pequeno Raoni Tapajós, que era minha alegria longe de casa

Aos meus primos pelas alegrias e dores compartilhadas

Aos meus amigos pelos momentos de alegria, em especial a Thaís e Lara

Aos meus parentes Pereira e Bentes que se fizeram presentes

Agradeço a minha amiga Bruna Vaz, incentivadora, animadora e parceira de escritas, cafés matinais, carimbó, aventuras, abraços e conselhos

Ao meu amigo Karo Munduruku pelas alegrias e experiências compartilhadas na UFOPA

A minha amiga Fernanda e minha prima Luciana pelos conselhos neste processo

Ao Comitê Israelita do Amazonas, em especial ao doutor Isaac Dahan por toda confiança depositada, por ter compartilhado a história de seu povo e sua família, as memórias do Rav Muyal e por ter me possibilitado conhecer um pouco mais sobre a sua religião e tradições

A comunidade manauara por ter me dado a oportunidade de seguir com minha pesquisa

E por fim, sou grata a todos que fazem parte da minha formação e me ajudaram para cada palavra aqui escrita e história contada, seja com informações, seja com orações, rezas, livros presenteados, emprestados, conversas e histórias.

RESUMO

A Amazônia é um espaço construído por vários povos que para cá migraram na *Belle Époque*, vários foram os motivos para escolheram a Amazônia como um território para recomeço. Os judeus vindos do Marrocos para fugir da fome, da perseguição e de doenças que afetavam as judiarias, aqui estavam sem orientação espiritual aqui. Várias foram as famílias judias que no rio Amazonas e em seus afluentes se instalaram. O Rabino Emanuel Muyal chega do Marrocos para dar um suporte espiritual para as famílias que aqui já estavam há muito tempo sem nem uma orientação rabínica. Falecido em 1910, acometido por uma doença tropical, dona Cota, quem cuidou do rabino até o dia de sua morte, começou a ser procurada por doentes com problemas musculares, a comunidade atribuiu este dom como uma graça concedida pelo rabino. Desde então, o rabino ficou conhecido como o Santo Judeu Milagreiro, não canonizado, sua sepultura hoje é alvo de peregrinações de católicos devotos e homenagens dos judeus em gratidão aos seus antepassados acolhidos pelo rabino. Para isso, uso o método de história de vida, através da memória de membros da comunidade judaica e depoimentos dos devotos para melhor entender as homenagens póstumas e a importância de sua figura para a comunidade judaica e católica em Manaus, que envolvem sentimentos diferentes, ambos que são heranças das memórias do século passado.

Palavras-chave: Migração judaica. Memória. Cemitério.

ABSTRACT

The Amazon is a space built by several people who migrated here in the Belle Époque. There were several reasons for choosing the Amazon as a territory to start over. The Jews coming from Morocco to escape the famine, persecution, and disease affecting the Jews were here without spiritual guidance here. There were several Jewish families who settled in the Amazon River and its tributaries. Rabbi Emanuel Muyal comes from Morocco to give spiritual support to families who have been here for a long time without even rabbinic guidance. Deceased in 1910, suffering from a tropical disease, Dona Cota, who cared for the rabbi until the day of his death, began to be sought after by patients with muscle problems, the community attributed this gift as a grace granted by the rabbi. Since then, the rabbi became known as the non-canonized Holy Miracle Jew, his grave today is the target of pilgrimages of devout Catholics and Jewish honors in gratitude to his ancestors welcomed by the rabbi. For this, I use the method of life history, through the memory of members of the Jewish community and testimonials from the devotees, to better understand the posthumous tributes and the importance of their figure to the Jewish and Catholic community in Manaus, which involve different feelings, both which are inheritances of the memories of the last century.

Keywords: Jewish migration .Memory. Graveyard.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	MIGRAÇÕES JUDAICAS, DA EUROPA À AMAZÔNIA.....	17
2.1	Judeus Na Amazônia	19
3	MEMÓRIAS JUDAICAS DO RABINO EMANUEL MUYAL.....	25
3.1	Sepultamento Judaico	32
3.2	O Mês De Elul	33
4	ETNOGRAFIA DE UMA SEPULTURA QUE INVOCA JUDEUS E CATÓLICOS NA CIDADE DE MANAUS.....	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS.....	5

1 – INTRODUÇÃO

Quando criança algo me chamava muita atenção no cemitério ao passar na Avenida Mendonça Furtado, em Santarém-PA, o cemitério cristão não era o que me fazia olhar para lá, mas sim uma divisão onde era perceptível as sepulturas ordenadas e feitas de maneiras diferentes das que meu olhar de criança estava acostumado, a ordem dos túmulos do cemitério cristão e a forma deles; uns eram grandes, com flores, fotos, velas, objetos de decoração e pessoais, já os que haviam sido separados eram quase imperceptíveis, túmulos baixos e na cor branca, sem vela, sem flores, sem nomes, fotos. A curiosidade por aquela parte do cemitério sempre me aguçava, sempre cutucava minha mãe na nossa passagem pela rua Mendonça Furtado e perguntava o porquê da separação, a resposta sempre era a mesma, que ali dentro havia judeus enterrados e que eles não podiam ou não queriam ser enterrados junto aos cristãos.

As poucas palavras de minha mãe me fizeram repensar por anos. Entrando no processo de conclusão de curso, em uma das minhas idas para a universidade, passei pelo cemitério e como eu tinha leituras sobre cemitérios, suas estruturas, formas de enterramento e luto, fui cheia de ideias e comecei a busca para entender a religião dos judeus, a vida e a morte.

Comecei a realizar pesquisas com alguns judeus em Santarém, o que me chamava atenção era a estrutura de um cemitério israelita, as sepulturas sempre alinhadas, sem fotos, velas ou flores, sempre bem limpas e cuidadas, mas um local que nunca vi alguém visitar, sempre fechado. Em Santarém, fui até o cemitério Nossa Senhora dos Mártires, localizado na Av. Mendonça Furtado, logo avistei os coveiros que estavam sentados embaixo da mangueira em frente à capela do cemitério e lhes fiz perguntas sobre o cemitério murado lá da frente, que estava trancado, eles me responderam, quase em um coro, que nunca entraram lá e que nem tinham acesso, “São dos judeus, moça, aquele povo lá, a senhora encontra informação lá com seu Getúlio, desce aí a rua e no terceiro quarteirão a senhora dobra e vai tá escrito o nome da oficina dele lá, a senhora só vai ter informação lá” resposta de um dos coveiros. Logo me veio um sentimento de desapontamento e ali começou meus desafios do campo.

Fui descendo a rua, a cada quarteirão, meu coração pulsava mais forte e minha cabeça cheia de perguntas embaralhadas: como me apresento? O que falo? Será que ele vai me

atender? Chegando até a oficina que me indicaram, lá estava um senhor muito simpático, me recebeu com um bom dia alegre e acalmou minhas angústias de como chegar no campo, ali vi que já tinha começado meu processo de pesquisa, então, seu Getúlio me pediu para sentar e só ia atender um moço que estava atrás de uma peça para sua bicicleta, sentei e fiquei observando em volta. Logo seu Getúlio se aproxima e pede desculpas pela demora e fala que seu dia sempre é corrido, fala sobre sua descendência judaica, não praticante da religião, mas procurava seguir alguns ensinamentos dela, me disse que não cuidava mais do cemitério, que na verdade, seu Fortunato ^{Z^L1}, que descanse em paz, poderia me ajudar, mas sempre muito atento em suas palavras, seu Getúlio foi me explicando o que sabia sobre a vida e a morte de um judeu e com muito orgulho, citou o nome de seu neto Diego, judeu praticante com quem passei uma tarde conversando sobre o judaísmo, sobre a importância do sobrenome, foi assim que descobri que Bentes e Pereira, meus dois sobrenomes são de origem judaica, onde ele me falou sobre retornar ao judaísmo, uma prática religiosa onde as pessoas procuram suas origens através do sobrenome e ao se descobrirem judeus, retornam ao judaísmo.

Diego não foi a última pessoa que me falou sobre minha possível origem, segundo seu Isaac Dahan, são sobrenomes de judeus descendentes de Portugal, que por coincidência, minha bisavó de avô materno, que Deus o tenha, é filha de portuguesa. No final, apenas seu Fortunato poderia me falar sobre o cemitério e abrir as portas para uma visita, infelizmente, antes de nossa conversa, seu Fortunato veio a falecer, um primo meu, amigo íntimo da família foi em seu sepultamento acompanhar seu amigo, neto de seu Fortunato, me descreveu o que pode perceber, lembro cada uma de suas palavras, palavras respeitadas sobre o outro.

Fiquei angustiada em saber sobre a morte de seu Fortunato e não podia imaginar o tamanho de sua perda para a família e comunidade judaica de Santarém, resolvi ir até Manaus visitar o cemitério israelita, quando no meio de uma conversa com a funcionária de lá, conheci a história do Rabino Muyal ^{Z^L} onde duas religiões cultuavam um único homem, cada uma com seu significado e a seu modo.

A sepultura do Rabino Emanuel Muyal que se encontra no cemitério cristão São João Batista, este que também tem um cemitério israelita localizado nas dependências, foi citada em uma das conversas iniciais com dona Maria, funcionária do cemitério israelita São João Batista, ao ir até o túmulo onde Muyal estava, é notável que não só hebreus visitavam sua

¹Abreviação de memória abençoada. Fonte: Entrevista com Isaac Dahan

sepultura, pois haviam flores e velas, práticas não realizadas pelos judeus. Havia também placas com o ano que ali foram colocadas e com os dizeres “Graça alcançada”, o que não era comum ser visto nas sepulturas hebraicas, também notei algo que não tinha nos jazigos judeus que estavam no cemitério israelita, nem em um bem próximo ao do Rabino, na parede da mureta, resquícios de velas, de fumaça, sabe quando cozinhamos à lenha e a panela fica preta? Assim estava em uns pedaços da parede, em meio a conversa com dona Maria, ela nos relata que a sepultura precisou ser gradeada, outra prática não realizada pelos judeus, pois tinham velas e as placas das graças em cima do seu túmulo e apagando as letras feitas própria mármore pelos judeus para reconhecimento da lápide.

Figura 1- Sepultura do Rabino Moyal/Santo Judeu Milagreiro.



Fonte: Isabel Pereira, 2019

Depois de uma manhã de conversa, dona Maria relata que o Rabino não foi enterrado no cemitério israelita, pois a data de criação de cemitério é mais recente que a data do falecimento do Rabino Moyal. Mas por que o Rabino não foi transferido para junto do seu povo quando o cemitério foi criado? Segundo dona Maria, para não criar atritos com a comunidade católica de Manaus, pois, o Rabino Moyal era visto como um santo para eles, por isso as placas de graças alcançadas, as velas e as flores.

Figura 2 – Dona Maria, funcionária do cemitério israelita.



Fonte: Isabel Pereira, 2019

Figura 3 - Placas de graças alcançadas, com destaque para a feita em concreto azul escuro e pedrinhas.



Fonte: Isabel Pereira, 2019

A história do Santo Judeu Milagreiro atravessou fronteiras, chegando até Israel através de um amigo de dois irmãos, que eram sobrinhos do rabino, Ely Moyal, membro do governo israelense e sobrinho do rabino entrou em contato com o Comitê Israelita do Amazonas (CIAM) para que mandassem os restos mortais de seu tio para Israel, mesmo o rabino nunca ter vivido em Israel, mas quando seus sobrinhos lembraram de seu tio pelas histórias contadas por seu pai, irmão do Rabino, pois é importante para um judeu que o falecido seja enterrado próximo a sua família, o sobrenome em um cemitério é uma prova de que ali viviam seus antepassados, segundo Niemeyer, o sobrenome para um judeu é sua identidade. O sobrinho que entrou em contato com o Brasil para o corpo ser levado para Israel, logo teve seu pedido negado, pois o Rabino era uma figura importante para a comunidade católica da cidade de Manaus.

Não podendo ser retirado de lá, os judeus tiveram que perenizar – tornar durável após assumirem as responsabilidades legais para zelar - a sepultura do Rabino e as outras 90 que estavam no cemitério cristão, pois se não tivessem feito, seriam vendidas. Atualmente, o CIAM é quem toma conta das sepulturas judias no cemitério comunal São João Batista.

Em conversas com Isaac Dahan, membro do CIAM, ele nos relata a importância do Rabino para os católicos e o respeito dos judeus para com as crenças populares, o motivo que não podem retirá-lo de lá para o cemitério israelita, mesmo sendo próximos, seria desrespeitoso intervir.

Pude presenciar a oração realizada no cemitério no Rosh Hashaná, no dia 9 de setembro de 2018, no calendário cristão, onde orações e visitas foram feitas no cemitério israelita e no túmulo do Rabino Emanuel Moyal. Orações realizadas por seu Isaac Dahan, e em coro os homens da sinagoga *Beth Yaacov Rebi Meyr*, da cidade de Manaus. Durante esses dias de celebração, eles visitam o cemitério a fim de se aproximarem dos seus entes que aqui na terra lhe foram queridos e que lhe ensinaram lições.

Outra experiência que tive no cemitério, foi diretamente com os católicos, no Dia dos Finados de 2019, e os judeus não comemoram esta data em seu calendário² não estavam presentes, neste dia pude perceber a fé e devoção ao Santo Judeu Milagreiro. Peregrinações são

² O calendário judaico é lunissolar (se baseia nos movimentos da Lua e do Sol), os anos são contados a partir da criação de Adão e Eva.

realizadas naquele local, sua sepultura também está próxima a de Santa Etelvina³, uma santa da cidade de Manaus que faleceu em 1901.

Para entender sobre a morte do Rabino, precisei entender sobre a sua vinda para o Brasil, o que me levou a vinda dos judeus para cá, uma coisa levando a outra e a cada dia eu queria entender mais os motivos, o que ficaram mais claros com os escritos de um judeu historiador da cidade de Manaus, Samuel Benchimol ^{Z'L}, figura importante para a comunidade judaica, professor da Universidade Federal do Amazonas, atravessando os campos da economia política, da história e da sociologia, palavras da descrição feita por Márcio Souza, que fez o prefácio do livro do professor Benchimol, “Eretz Amazônia”, nos fazendo entender que na Amazônia os diversos povos que aqui viveram, construíram uma nova sociedade, deixando para os judeus e manauaras, a memória da participação na construção da Amazônia através de suas palavras e relatos.

Samuel Benchimol fez o papel de um dedicado arqueólogo, que pacientemente foi desenterrando preciosidades fadadas a se perder no tempo, trazendo à tona a feliz integração aos rios e à mata de uma gente aferrada à tradição, à religiosidade e acostumada ao Êxodo. (Marcio Souza, prefácio *apud* BENCHIMOL, 1998)

Neste trabalho uso fontes históricas de Benchimol, judeu e pesquisador na cidade de Manaus, onde abordo os fatos oficiais pelas datas, monarquias e períodos, também trabalho com as memórias da comunidade judaica e católica da cidade de Manaus, e sabemos que trabalhar com história oral significa ouvir memórias individuais, ou as coletivas, se eu estiver ouvindo um grupo. O importante e cuidadoso é como trabalho com este material recolhido na comunidade judaica e na comunidade católica, que tem o Rabino/Santo Judeu como uma pessoa só, mas visto de perspectivas diferentes e histórias diferentes, cada qual seguindo e vivendo as memórias de sua própria identidade. Onde muitos marcos são mutáveis, pois a memória é seletiva, mas também há os imutáveis, segundo Pollak, 1992: 211.

³ Etelvina Alencar, jovem nordestina que morava em Manaus e foi vítima de um crime passional em 1901. Tendo sua sepultura perenizada pela Prefeitura de Manaus no dia 16 de setembro de 1964, onde foi construído um mausoléu e que hoje é lugar de peregrinação no Cemitério SJB. A comunidade conta que depois de sua morte, ela fazia aparições em sonhos para repassar mensagens de Deus e hoje é considerada uma santa popular. SEVERIANO, Adneison. Fiéis visitam túmulo de 'Santa Etelvina' no Dia dos Finados, em Manaus. Rede Amazônica, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2016/11/fieis-visitam-tumulo-de-santa-etelvina-no-dia-dos-finados-em-manaus.html>

Pollak nos mostra os elementos que constituem a memória, tanto coletiva como individual, que são os acontecimentos vividos pessoalmente, como no caso de seu Isaac Dahan e uma imprensa no caso do coveiro, que mostro no decorrer do trabalho. O outro, Pollak chama de acontecimentos vividos por tabela, que são os acontecimentos vividos pela comunidade, como a graça concedida a dona Cota, motivo possível para terem feito o rabino como santo. São os acontecimentos que a pessoa não vive, mas é uma memória tão viva que parece ter feito parte dela.

Os três capítulos que desenvolvem este trabalho são trabalhados minuciosamente, o primeiro nos traz a história da migração dos judeus para a Amazônia, os motivos que lhes trouxeram até aqui, usando Benchimol enquanto historiador e judeu, que conta os motivos da vindo do seu povo para a Amazônia, usando datas, documentos, períodos.

O segundo trata das memórias judaicas e relatos orais sobre o rabino, os motivos que o fez vir do Marrocos para a Amazônia e detalhes pós morte que lhe fizeram santo para a comunidade católica na visão dos judeus e sobre as festas e datas judaicas onde o rabino é homenageado. O terceiro e último nos mostra a relação dos católicos com o Santo Judeu Milagreiro, mais especificamente no Dia dos Finados, onde a comunidade relata histórias pessoais e memórias coletivas do Santo Judeu Milagreiro.

2 - MIGRAÇÕES JUDAICAS, DA EUROPA À AMAZÔNIA

A história dos Judeus migrando para a Amazônia deve ser contada antes mesmo de 1810, que é a data que documentos registram chegadas deste povo aqui na região. Não irei muito longe, não pretendo contar a primeira emigração deste povo que sempre procurou sua terra sem males, que conforme seu Isaac Dahan, para o povo judeu era uma terra em que pudessem viver conforme suas tradições sem sofrer as represálias do passado.

Em nenhum país reivindicaram autonomia territorial mas buscaram alcançar igualdade política, cidadania, liberdade religiosa e respeito aos valores culturais. Estas demandas foram interpretadas como um inaceitável direito à diferença e serviram para que, freqüentemente, fossem considerados hóspedes indesejáveis. (BLAY, 2008:37)

Partindo da Espanha, no ano de 1483, onde se narra mais um capítulo da perseguição ao povo hebreu, quando o Papa Sixtus IV aprovou a criação de uma Inquisição Espanhola Independente, símbolo de intolerância e genocídio dos judeus sefarditas. Cinco anos depois, em 30 de maio de 1492, os reis Fernão de Aragão e Isabel de Castela expulsam os judeus da Espanha. Assim sendo o primeiro reino da Península Ibérica a perseguir e massacrar os judeus. Muitos judeus foram mortos, os que ficaram vivos foram obrigados a se converterem ao cristianismo, mesmo assim, a perseguição continuaria. “Chamados de cristãos-novos ou cripto-judeus (católicos por fora e judeus por dentro)” (BENCHIMOL, 2009: 262), alguns conseguiram fugir para Portugal, muitos que ficaram foram queimados na fogueira da Inquisição e outros obrigados a viver em juderias, foram afastados e tiveram todos seus bens confiscados.

Em Portugal foram recebidos pelo rei dom João II, em 1496, uma recepção nada acolhedora, os judeus precisavam pagar uma taxa que lhes permitia a permanência de apenas oito meses no país. O rei não cumprindo sua promessa, vendeu milhares de judeus para a nobreza portuguesa e mais uma vez, foram retirados dos meios sociais, uns viravam escravos e outros foram mandados para juderias, obrigados a usar símbolos em suas vestes que indicassem sua religião.

Crianças foram separadas de seus pais, que segundo Benchimol (2009), foram enviadas a uma ilha africana e morreram, assim ficou registrado o primeiro infanticídio judeu.

O rei sucessor de Dom João II, Dom Manuel I às vésperas de seu casamento com Isabel de Espanha, foi ordenado por seus sogros, reis da Espanha, que expulsasse os judeus de

Portugal se não se convertessem ao cristianismo a partir do dia 5 de dezembro de 1496. Voltando atrás por motivos econômicos, ele ordena que nenhum judeu saia das terras portuguesas e que todos, sem exceção, deveriam imediatamente, se converterem ao cristianismo.

Estas perseguições fizeram com que os judeus fugissem de Portugal para viverem conforme suas tradições. Muitos fugiram para a Holanda, Egito, Turquia, Grécia e para o norte da África, sendo Marrocos o principal lugar de fuga.

O Concílio de Trento realizado pela Igreja Católica de 1545 a 1563, oficializou o gueto, área delimitada, cercada por muros altos e com um portão central, onde os judeus foram confinados com suas famílias, apesar de separados dos meios sociais e viverem em condições precárias, eles tinham mais liberdade em relação a sua religião, já haviam construído sinagogas nas judiarias para serem realizados seus cultos e orações.

A entrada e saída eram vigiadas por guardas reais, só podiam sair com permissão e condições, não possuíam terras em seus nomes e não podiam contratar empregados para nenhum tipo de serviço, precisavam usar vestimentas para serem identificados, viviam ainda com restrições, algumas foram listadas de forma específica na obra de Benchimol, 2009:266-269.

A fuga dos judeus para o Marrocos, segundo Benchimol, 2009

Representou, apenas, uma transferência e mudança de atribuições e sofrimentos, pois nesse novo país os judeus ficariam, também, confinados nos melahs de Tetuan, Fez, Marrakesh e outras vilas e cidades, onde sofreram toda a sorte de constrangimentos, humilhações, confisco de bens e, quando não, vítimas de massacre. (p. 271)

Lá ficaram e se instalaram por alguns anos falando espanhol, português e hiquitia. Puderam reconstruir suas comunidades mantendo os costumes de seus antepassados. Ainda isolados e discriminados, continuaram vivendo nas judiarias, chamados de *megorashim*, “os espanhóis e portugueses exilados sem pátria.” BENCHIMOL 2009:271, conseguiram prosperar o suficiente para manter sua família e possuir alguns bens materiais.

Os *megorashim* não foram bem recebidos pelos judeus nativos, chamados *tochavim*. Essa rivalidade os acompanhou até a vinda para o Brasil. Os *tochavim* “judeus nativos do Marrocos, apelidados de *tochavim*.” BENCHIMOL 2009:272, achavam os *megorashim* pessoas ruins e presunçosas, os *megorashim* achavam os *tochavim* pessoas de

pouca educação e capacidade. Assim, o espaço precisou ser concorrido, tanto o religioso, o social e o econômico.

Assim se explica porque os judeus-marroquinos, quando iniciaram a sua nova diáspora para o Pará – Eretz Amazônia, a nova Canaã da Seringa – e depois para o Amazonas, levaram consigo as rivalidades e divergências entre os primitivos, nativos e pobres judeus arabizados e berberizados – os toshavim ‘forasteiros’ – e os judeus espanhóis e portugueses de Tânger e Tetuan, que se achavam superiores pela posição social, pelo status econômico e profissional. (BENCHIMOL, 2009:273)

2.1 - JUDEUS NA AMAZÔNIA

Ao chegarem no Brasil, cada grupo procurou fazer sua sinagoga, em Belém e Manaus. Apesar da carga histórica de opressão carregada pelos dois grupos, ao chegarem na Amazônia ainda se separaram. A sinagoga *Essel Abraham* foi fundada em 1824, conhecida por ser frequentada pelos *tochavim* e a outra sinagoga *Shaar Hashamaim*, frequentada pelos *megorashim*.

Em Manaus, décadas depois foram construídas também duas sinagogas, a Beth Yaacov, frequentada pelos *megorashim* e a Rebi Meyr, frequentada pelos *toshavim*. Em 1962 foram fundidas, o que hoje conhecemos como a sinagoga *Beth Yaacov Rebi Meyr*, localizada na rua Leonardo Malcher, 620, Centro, Manaus.

Vários foram os motivos que desencadearam a onda emigratória de judeus sefarditas e forasteiros marroquinos. Entre outros, podemos mencionar os fatores econômicos, sociais, religiosos e educacionais que atuaram como elementos de expulsão e de saída. (BENCHIMOL, 2019:280)

Com a perseguição, fome, epidemias e destruição de sinagogas, os judeus em 1810 começam a sair do Marrocos em busca de uma terra sem males, os primeiros judeus começaram a chegar no início do século XIX, Belém como porta de entrada para a região, segundo Athias, cerca de 1000 famílias judaicas migraram para a Amazônia durante um século. Se instalando desde Belém, até o Peru, essas famílias procuravam a terra sem males, que segundo Blay, os judeus procuravam a restauração de seu povo. Segundo Benchimol, com 13 anos de idade um judeu já atinge a maioridade, e muitos já vinham para o Brasil, aqui eram contratados por aviadores nas proximidades de Belém. Outros aproveitavam as oportunidades e logo iam abrindo comércios, depois mandavam buscar sua família, porém

Em Belém e Manaus as grandes casas exportadoras e aviadoras pertenciam aos ingleses, alemães, franceses e portugueses que controlavam o comércio da borracha e demais produtos da região. Quem quisesse se iniciar nos negócios tinha de ir para o interior, mas antes precisava obter crédito junto às casas aviadoras. (BLAY, 2008:44)

Benchimol narra em seu livro como deveria ser o sofrimento de uma mãe ao arrumar a mala de seu filho de 13 anos para uma viagem tão longa, sem saber se teria retorno, “choravam na hora do adeus e da despedida, antes de seguir para o cais do porto, para embarcar nos navios da Booth, Red Cross, Ligure.” (BENCHIMOL, 1998: np)

O período da borracha proporcionou aos judeus migrarem em busca de uma vida melhor, segundo Benchimol, a partir dos anos 1850 chegaram muitos judeus marroquinos na região, vindos guiados por cartas de parentes e amigos que aqui já estavam instalados, alguns no início eram abrigados nas sinagogas ou em casa de familiares próximos. Outras seguiam direto para os interiores, contratados por aviadores, adentravam nos rios afluentes e lá ficavam.

Outro fator importante para a imigração e permanência no Brasil, foi a extinção da Inquisição, declarada pelo Dom João VI em seu regresso a Portugal no ano de 1821, as portas tinham sido abertas, os judeus poderiam ir atrás de uma vida segundo suas tradições e com oportunidades. Em 1822, o Brasil foi declarado independente, em 1824 a Constituição Imperial reconheceu a Igreja Católica como a religião oficial, porém, as outras religiões poderiam fazer seus cultos de forma discreta. Em 1890, a Igreja e o Estado não são mais um, agora são dois, dando liberdade de culto para as outras religiões. Assim sendo um fator muito importante para os judeus migrarem mais e mais para a Amazônia, pois poderiam se organizar enquanto comunidade judaica.

Com a abertura do rio Amazonas, novas rotas começaram a circular pela região, não só por aqui, mas por diversos países à fora facilitando não só a imigração dos judeus, mas de outros povos. Não bastava os investimentos em embarcações que circulavam por todo o território, o governo decidiu investir em transportes fluviais para a região amazonense, o que facilitou ainda mais a locomoção dos judeus pela Amazônia.

Judeu sempre foi sociologicamente falando, padrão de terra boa, e aonde ele vai com sua família e inicia o seu trabalho, a prosperidade chega. Quando ele sai é sinal de crise e depressão. Nos velhos tempos costumava-se dizer que, para uma vila ou povoado crescer e prosperar na Amazônia era preciso: um caboclo para fazer a roça, um cearense para cortar seringa, um judeu para vender suprimento e comprar produtos regionais, uma filial das lojas A Pernambucana para vender tecidos e um padre para batizar, casar e enterrar. (BENCHIMOL, 2009:304)

A segunda leva de judeus vindos para a Amazônia foram os *sefartitas*, de origem francesa, foram expulsos pelo exército alemão de Bismarck em 1870. Cerca de 50 a 100 famílias vieram para a Amazônia. A terceira corrente foram os judeus *askenazistas*, vinham da Alemanha, Polônia e países da Europa Oriental. A outra foram os judeus *foinquititas*, no final do século XIX vieram da Turquia, Líbano, Síria e Egito. Foram os que mais sofreram nesta época, pois eram confundidos com os sírio-libaneses e muçulmanos que chegaram aqui na mesma época.

Os grupos maiores a povoar a Amazônia foram os *megorashim* e os *tochavim*, vindos do Marrocos. “Essas famílias estavam assim distribuídas: 650 para o Pará, 200 para o Amazonas e 150 para a Amazônia peruana.” (BENCHIMOL, 1998: 987)

Segundo seu Isaac Dahan, foi uma migração familiar, vieram as esposas, os maridos e os filhos. Cada um com uma função dentro de seu lar, o que ajudou bastante na perpetuação de suas origens, assegurando a permanência de suas tradições.

Muitos dos que vieram eram qualificados, em Marrocos havia escolas primárias - a mais conhecida e importante Aliança Israelita Universal; estas que os judeus frequentavam, o que lhes ajudou a prosperarem, isso tudo foi uma oportunidade para liderarem o comércio e exportação na região depois da crise da borracha. As mulheres também estudaram nas escolas primárias, a costura era sua principal habilidade, ajudavam seus maridos e produziam roupas, sacolas, entre outros. Também educavam seus filhos. Os pais eram regatões, abasteciam os seringais distantes. “Foram eles que democratizaram o processo de intercambio comercial no interior do Amazonas e quebraram o monopólio dos aviadores portugueses exportadores ingleses, franceses e alemão que dominavam o comércio e o empório de Belém e Manaus.” (BENCHIMOL, 1998:np)

Quando melhoravam na vida financeira, saíam do interior e iam para Belém e Manaus com sua família. Quando começou a crise, por volta de 1920 a 1850, os que ainda viviam no interior começaram a ir para Belém e Manaus em busca de sobrevivência “deixando para trás os seus cemitérios abandonados, com os nomes de seus pais e mães esculpidos nas lápides de mármore.” (BENCHIMOL, 1998:np)

No Amazonas, por ser uma quantidade menor de famílias judias, demoraram um pouco para organizarem suas instituições judaicas. “[...] os motivos pelos quais toda a comunidade judaica, quando se organiza, constrói uma sinagoga, um cemitério, uma escola e um clube, os quatro pilares da sua identidade e continuidade.” (BENCHIMOL, 1998:np)

Em 15 de Junho de 1929, foi criado o Comitê Israelita do Amazonas (CIAM), que representa a vida judaica, hoje está localizado na rua Leonardo Malcher, 630, Centro, Manaus – AM, junto sua *esnoga*⁴ Beth Yaacov Rebi Meyr, tendo como seu primeiro presidente Raphael Benoliel. As sinagogas foram fundidas em 18 de janeiro de 1962, que simboliza o fim da rivalidade *megorashim* e *tochavim*. Em 1940 foi fundado o Clube Azul e Branco, dando início a vida comunitária judia. Em 1976, foi fundado o Clube A Hebraica.

Figura 4 –Comitê Israelita do Amazonas, em Manaus.



Fonte: Isabel Pereira, 2019

Todos os sábados ou em datas litúrgicas especiais, é lida a *perashá*⁵, o que é possível ler todos os escritos em um ano. A Torá é formada pelos cinco primeiros livros do antigo testamento da bíblia cristã. Escrita em hebraico, lida da direita para a esquerda. Isaac Dahan todos os sábados faz comentários sobre a leitura semanal, ressaltando a importância histórica deste livro, exaltando os ensinamentos e mandamentos. O CIAM conta com uma página na rede social para informativos oficiais, o “Semana CIAM”.

Hoje os judeus usufruem do que Benchimol chama de “A quarta geração: tempo de doutores e profissionais”. Na década de 50, judeus-paraenses e amazonenses precisaram vender

⁴ Denominação dada pelos judeus marroquinos de fala espanhola para sinagoga. DAHAN, 2009

⁵ Porção semanal da Torá. DAHAN, 2009:16

seus bens e terras, com o propósito de investir na educação de seus filhos, em busca de um futuro melhor. Um exemplo é seu Isaac Dahan, que hoje é médico, gastroenterologista.

Figura 5 – Isaac Dahan



Fonte: Acervo pessoal

Nascido em Alenquer, filho de Shalom Dahan ^{Z^L} vindo do Marrocos, da cidade de Rabat.

Tu sabe que eu sou ximango? Eu nasci em Alenquer. [...] se você for ver, seu sobre os Bentes, os originais, uma grande maioria deles eram judeus de Portugal, Pereira é outro nome judaico, de cristãos-novos, aquela história da Inquisição toda, um período negro na história do mundo, não é? Pessoas correndo, trocando nome pra poder sobreviver, mudando de religião, mas mantendo a religião antiga que era o judaísmo em segredo, né? E isso veio bater aqui no Brasil, veio bater aqui, infelizmente a inquisição tinha, é, os tentáculos até aqui no Brasil, chegou a vir até aqui e levar cristãos-novos, por acaso, ainda, professavam o judaísmo mesmo as escondidas, acabaram sendo levados de volta para queimarem nas fogueiras lá de Portugal. Aconteceu muito isso, mas aí com a abertura dos portos, o dom João VI já teve que sucumbir frente a Inglaterra por causa dos interesses de Portugal, aí ele abriu, aí parou essa coisa da Inquisição e os judeus já puderam viver em paz, como eu falei no início da nossa conversa, atrás de uma terra sem males, onde pudessem trabalhar, onde pudessem fazer os filhos estudarem, se formarem e irem para as cidades grandes =, que realmente aconteceu, realmente encontraram aqui na Amazônia, nós somos exemplos claros disso, eu sou um exemplo claro disso, nasci lá no interior, lá em Alenquer e meu pai veio do Marrocos, veio, foi lá pro meio do mato em 1910 e trabalhou pra fazer os filhos estudarem. Uma grande maioria, desses daí, desses pioneiros a grande maioria foram comerciantes, alguns com comércio maiores, essas casas grandes chamadas casas aviadoras, eles aviavam e outros menores, pegavam os barcos, regatões aí iam, compravam castanha, babaçu, né, balata, compravam lá no

interior, eles vendiam querosene pro pessoal do interior, pólvora, essas coisas todas que eles precisavam no interior, e o barco voltava com castanha, essas coisas e iam para o comerciante maior né, o povo chamado aviador, o que não tem nada a ver com avião (risos), aí ele comprava aquilo, pagava e o cara conseguia um dinheirinho pra voltar pro interior no seu barco, seu regatão. Mas aí os filhos já começaram a estudar, muitos se mantiveram comerciantes, porém em outro nível com suas empresas, comércios grandes e a grande maioria se tornaram profissionais, médicos, engenheiros, advogados, dentistas, tudo. (Isaac Dahan, entrevistado em dia 1 de agosto de 2019)

Os mais velhos seguiam a profissão de seu pai, que geralmente era comerciante, para dar continuidade aos negócios da família, os outros eram estimulados com antecipação a vocações e gosto pelo estudo. Em uma cooperativa pedagógica familiar, o primeiro filho, geralmente escolhido e preparado pela mãe desde cedo, sai para estudar, depois ajudaria seu outro irmão e este quando retornasse, ajudaria o outro que ainda não tivesse tido sua oportunidade, assim, todos os filhos da casa estudariam.

Seu Isaac Dahan é um homem honrado na comunidade judaica, após seu *Bar Mitsvá*⁶, já era conhecedor da Torá, ofício litúrgico que aprendeu com seu pai e anciões. Sendo o primeiro de sua geração a adentrar no ofício religioso. Em 1972 foi convidado por Samuel Benchimol para trabalhar na cidade de Manaus, com 24 anos de idade, ajudou na fundação de uma escola judaica, voluntariado para viagens até Israel. Participou de congressos nacionais e internacionais, tudo em prol de sua comunidade. Dr. Dahan já foi sheliach comunitário, diretor da sinagoga, orientador geral para assuntos religiosos, presidente do CIAM e atualmente escritor e *Chazan*⁷ e *Shaliach Tsibur*⁸ da comunidade judaica de Manaus e gastroentereologista, recebeu um diploma de cidadão benemérito pelos 40 anos dedicados a comunidade judaica amazonense.

Nas palavras de Blay, mesmo nas duras condições na Amazônia, era a partir da família e das constantes relações com seu povo étnico, a continuação de seu calendário religioso e das regras de seu povo, foram capazes de restaurar bases religiosas, culturais e históricas. “É um reatar cultural e a restauração de uma nova comunidade judaica.” (BLAY, 2008:51)

⁶ Cerimônia que insere o jovem judeu como um membro maduro na comunidade judaica. Fato esclarecido em conversa com seu Isaac Dahan

⁷ Cantor litúrgico

⁸ Representante da congregação

3 - AS MEMÓRIAS JUDAICAS DO RABINO MUYAL

De Belém à Manaus, de lá até a Amazônia peruana, os judeus vindos do Marrocos vieram atrás de melhorias de vida, tanto financeira como social, no rio Amazonas e em seus afluentes foram se instalando, como diz seu Isaac Dahan.

Houve uma imigração grande de famílias de judeus no Marrocos aqui pra Amazônia, naquela época não existia um modo de comunicação rápido, não tinha telefone, não tinha nada, era tudo cartas, cartas que demoravam meses pra chegar. Tanto que a imigração na realidade ela foi familiar, vinha um familiar ou outro, e tal, aí escrevia uma carta pra um outro familiar que ficou no Marrocos ‘olha aqui tá bom, eu estou numa cidade chamada Santarém’, por exemplo, foi um grande polo do judaísmo na Amazônia, foi Santarém. Aí lá vinha dois anos depois em outro navio aquele outro parente. Então, muitas famílias vieram e o pessoal não tinha notícias de exatamente como é que estavam, a Amazônia era um mistério, né? Um mistério até hoje né? Até hoje... E o Grande Rabino da época chamado Rephael Ancáua ^{ZL}, foi um grande homem, ele era conhecido nos meios judaicos e não judaicos do Marrocos, como se fosse em hebraico, nós chamados de *malach*, como se fosse um anjo mandado por Deus, nos meios judaicos e não judaicos [...] ele destacou este Rabino chamado Shalom Emanuel Moyal que era de Salé, Salé Rabat, eram cidade juntas, pra ir até a Amazônia, ‘vem, vem até aqui’ é, até aqui não, ‘vai, vai até lá pra ver como é que estão essas famílias’ eram centenas de famílias que já tinham vindo e não tinham notícias se eles estavam precisando de alguma coisa, uma orientação rabínica, o que que estava faltando? Era um Rabino preparado, era um Rabino novo e ele já tinha família lá, então, é, ele já tinha deixado uma esposa e uma filha, uma ou duas filhas, eu tenho isso escrito aqui em algum lugar, não tá no meu livro, é uma informação dada depois pelas bisnetas dele, então ele deixou lá e veio para cá. (Isaac Dahan, entrevistado em 1º de agosto de 2019)

O Rabino Emanuel Moyal veio do Marrocos no ano de 1908, a mando do Rabino Rafael para verificar e acompanhar os judeus já aqui na região, não há registros da sua passagem por Belém, mas certamente ele passou por lá, pois Belém era a porta de entrada dos judeus, geograficamente. Há registros do rabi Moyal apenas na cidade de Manaus, onde infelizmente chegou a falecer dois anos após sua chegada, provavelmente de febre amarela.

Nós já soubemos aqui que ele foi sepultado em 1910, algumas pessoas contavam histórias dele, que ele adoeceu, provavelmente o quadro que falam é febre amarela, não tinha vacina naquela época, muitos falavam da gripe espanhola, mas não, a gripe espanhola matou muita gente aqui na Amazônia e no mundo todo, mas foi em 1918, o Rabino já tinha morrido em 1910 e a forma como algumas pessoas contavam que ele ficou inchado, quer dizer, edemaciado, o pessoal chama barriga d’água, ascítico, eu tô te falando isso porque eu sou médico também. Então, que ele ficou muito amarelado, que o pessoal tinha medo de chegar perto e tal, isso é um quadro de falência hepática. Isaac Dahan, entrevistado em 1º de agosto de 2019

Há rumores dizendo que o Rabino veio para arrecadar fundos para um hospital de crianças, outros que eram para arrecadar dinheiro para *yeshivá*⁹, fato negado por suas bisnetas para o doutor Isaac Dahan em uma visita a Manaus, pois, a família tinha posses no Marrocos, mesmo no meio da pobreza nas judiarias do Marrocos.

A vida e a morte de um judeu têm seus caminhos traçados nas escrituras sagradas, além de seguirem as tradições da Torah, eles seguem as regras transmitidas oralmente pelo seu povo, a lei escrita e a lei falada se diferenciam pois a falada deve-se adaptar as condições reais de vida em diferentes lugares e épocas, após a dispersão dos judeus isso quase se abalou, por isso foi criado o talmude¹⁰, - os textos na Torah descrevem a criação do mundo, a fundação de Israel, e conta as leis divinas.

O Rabino é quem orienta seu povo aqui na terra, diante disso, o Rabino Muyal foi enviado para o Brasil em 1908 para acompanhar as famílias judias aqui já instaladas, o judaísmo determina a identidade, cultura e regras de um povo.

Sem uma tradição firmemente ancorada, toda a dimensão do passado é também posta em perigo. Estamos ameaçados de esquecimento de um tal olvido-pondo inteiramente de parte aos conteúdos que se poderiam perder significaria que, humanamente falando, nos teríamos privado de uma dimensão, a dimensão de profundidade na existência humana. Pois memória e profundidade são o mesmo, ou antes, a profundidade não pode ser alcançada pelo homem a não ser através da recordação. (ARENDR, 1992:131 aput ALMEIDA, 2011:730)

Sendo assim, o Rabino Muyal viajou até Manaus para fazer o acompanhamento espiritual e familiar junto aos judeus já instalados na Amazônia, não há registros de feitos do Rabino durante os dois anos que ali passou, o ponto de partida de sua história é a sua doença e morte, que foi quando uma senhora de idade, dona Cota ^{Z'L} era a única pessoa que se aproximou do Rabino para lhe oferecer ajuda, sem receio da doença, ela o cuidou até o último dia da sua vida. Quando o Rabino falecera em 12 de março do ano de 1910 (1º de Adar II, 5670), a comunidade católica passou a contar a história que esta bondosa mulher passou a ter o dom da cura, assim sendo agraciada pelo Rabino por ter cuidado do dele, como seus netos contaram para pessoas no comitê Israelita.

⁹ Escola rabínica. Entrevista com doutor Isaac Dahan

¹⁰ O talmude é um conjunto de escritos jurídicos, éticos e litúrgicos, ele conta histórias e lendas judaicas- um texto usado pelos Rabinos para orientação de seus fiéis em diversas situações. Entrevista com doutor Isaac Dahan.

O Rav¹¹ Moyal foi enterrado no cemitério comunal São João Batista pois em 1910, ano de sua morte, ainda não havia o cemitério israelita da comunidade judaica de Manaus, este que fora criado apenas em 1928. Diante disso, o Rabino e mais de 80 sepulturas foram enterradas no cemitério comunal, que se tornaram perpétuas em nome do CIAM pela ausência de parentes na cidade e a dificuldade de levá-los para o cemitério israelita. Após a criação do cemitério israelita, os judeus tentaram levar o túmulo do Rabino para lá, entretanto, houveram dificuldades e se depararam com a sepultura do Rabino cheia de velas e placas com os dizeres “graças alcançadas” e a cada ano durante a visitação do mês de *Elul*¹², que acontece um mês antes de *Rosh Hashaná*¹³ onde são realizadas orações que incluem as preces invocadoras de perdão - *selichot*, segundo o costume sefaradi, e é durante este período que se visita o cemitério para aproximarem dos entes falecidos que lhe serviram de guias em vida para a prática do judaísmo, assim recebendo uma força especial para melhor seguir a vida segundo as tradições judaicas, durante essas visitas os judeus perceberam um aumento de práticas funerárias católicas e que estavam prejudicando a estrutura da sepultura, apagando os escritos hebraicos, o que é notável em um cemitério israelita o cuidado com suas sepulturas e os escritos em cima dela, que são feitos com amor e respeito pela família e amigos.

Figura 6 – Sepulturas judaicas no cemitério israelita de Manaus.



Fonte: Isabel Pereira, 2019

¹¹ Tradução de rabino, em hebraico. Entrevista com Isaac Dahan

¹² Dias de retorno. DAHAN, 2009:200

¹³ O ano noivo judaico. DAHAN, 2009:201

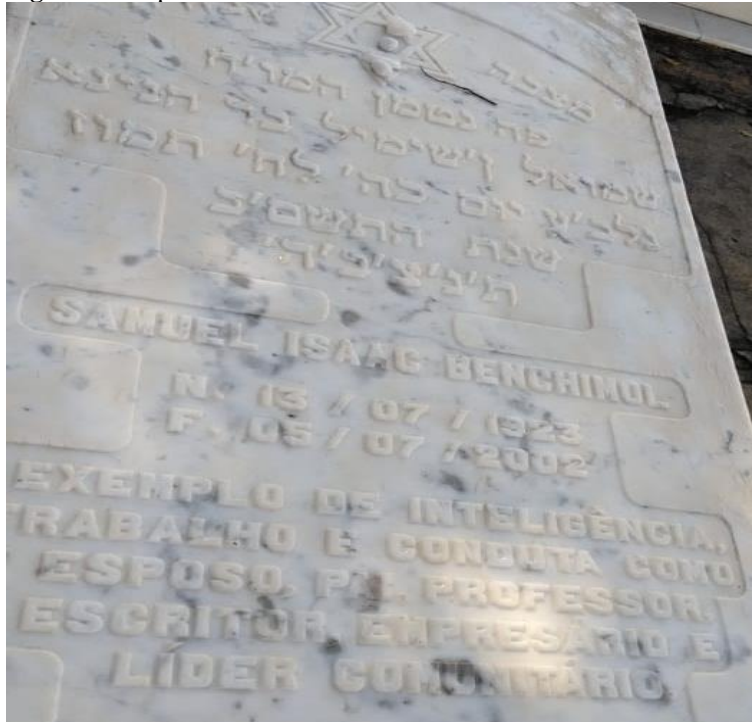
Figura 7- Túmulo do Rabino Muyal/Santo Judeu antes da reforma.



Fonte: Artigo do Salgado, 2011 (foto S.Zalis)

Segundo a tradição judaica do talmude, as sepulturas devem ser simples e despojadas, sem decoração, ornamentação ou monumentos, sem manifestações de status social. Deve ser feita em mármore, com a lápide contendo a identificação, o pedido de paz à alma do falecido. A cerimônia do enterro deve ser feita do mesmo jeito.

Figura 8 – Sepultura de Samuel Benchimol.



Fonte: Isabel Pereira, 2019

Para um judeu, isto estava fora do contexto, pois as velas possuem outro significado que não inclui ser usada em um túmulo, “graças alcançadas”? O Rabino não concede graças, mas o que significa tudo isto? Para os judeus, segundo o presidente do comitê israelita no Amazonas, seu Isaac Dahan, não existe santo para eles (judeus), “há pessoas com níveis espirituais que intercedem em outras esferas bem superiores à terrenas para melhorar a situação de seus irmãos aqui na terra e nosso entendimento judaico chega até aqui.” (Isaac Dahan, entrevistado em 1 de agosto de 2019)

Para a comunidade judaica, o Rabino pode ter sido adotado como um santo milagreiro pelos católicos por causa dos escritos hebraicos na sua sepultura, ou por ele estar enterrado perto de outra santa da cidade, a Santa Etelvina, mas seu Isaac mesmo afirma que a segunda é pouco provável, pois ela foi enterrada há um tempo depois que começaram as práticas funerárias na sepultura do Rabino, “mas não se sabe ao certo o motivo da cidade de Manaus ter adotado o Rabino como um santo.” Isaac Dahan, entrevistado em 1 de agosto de 2019

Figura 9- Jazigo de Santa Etelvina no cemitério São João Batista



Fonte: Isabel Pereira, 2019

Quando os judeus foram até a administração do cemitério comunal, descobriram que o Rabino era um santo milagreiro para o católicos e que sua sepultura era sempre visitada

por eles, seu Isaac Dahan em nossa entrevista fala do respeito à outras religiões e suas crenças e assim, respeitando a sepultura sagrada do Rabino/Santo Judeu e a deixando no mesmo lugar.

Olha, eu vou te contar uma coisa, olha como é a credence popular e como a gente tem que respeitar isso, muitas partes de imprensa, partes de todo o mundo já vieram aqui, judaicas e não judaicas pra ver essa história do Rabino Shalom Moyal e eu acompanhei uma delas, mas já faz muitos anos, eu não tenho registro disso, meu registro vai ser verbal, né? Vinham, aí eles filmaram e eu comecei explicando algumas coisas que eu sabia e tentaram conversar com um senhor daqueles que faz serviço no cemitério, que arruma sepultura, melhora, coloca um cimento ali, a sepultura quebrou e ele arruma ali, faz uns bicos como a gente chama né? E esse senhor tava contando lá, aí perguntaram pra ele daquele da, do eles chamam santo judeu, é assim o nome, Santo Judeu Milagreiro pelo que eu ouvi falar. Aí ele tava falando ‘Aaah, eu tenho muita fé no santo judeu, porque eu tenho o fulano que me deve um valor e poxa eu preciso desse dinheiro e o cara ainda não veio pagar’ aí o cara tava lá filmando, conversando, anotando e tal né, aí ele disse de novo ‘e eu tenho certeza porque eu já pedi do santo judeu e ele vai me pagar’. Aí ele tava sentado lá naquelas calçadinhas, naquelas muretinhas que tem lá, ele tava sem camisa, eles ficam assim por lá né. Aí eu saio acompanhando essas pessoas que estavam, os jornalistas, pra lá e pra cá, e de repente escuto gritos, mas gritos de alegrias, assim, uma coisa ‘Ê, EU NÃO DISSE, NÃO DISSE’ aí eu voltei pra trás pra olhar né, aí eu perguntei o que tinha acontecido, o camarada, é. o tal fulano que devia pro cara veio pagaaaá-lo. Aí o cara lá ‘eu não disse, disse que foi o santo judeu que. ’. Quer dizer, eu fiquei meio, é, eu realmente fiquei assim olhando pra ele, realmente emociona ver isso né? É, mas não é que seja santo para nós, não é isso, eu acho que os méritos são daquele pobre senhor, que fazia bicos lá e os méritos eram dele que precisava tanto e acabou uma pessoa vindo pagá-lo, mas ele acreditava no outro e isso tem que ser respeitado, o Rabino milagreiro como eles chamam né tem seus méritos pra ele. Eu vi, infelizmente eu não lembro mais, mas foi muita gente, muita imprensa. (Isaac Dahan, entrevistado em 1º de agosto de 2019)

Com a história perpetuando mundo a fora, chegou ao conhecimento de Seus dois sobrinhos, filhos de Abraham Moyal, irmão do Rabino, em Israel, que tentaram levar seu corpo para perto de sua família, conversaram com o judeu David Salgado sobre a história do Rabino, então Meyr e Ely Moyal escreveram uma carta para o CIAM para que enviassem os restos mortais do seu tio para Israel, na época, 1980, o presidente do comitê era o professor Samuel Benchimol, que consultou o dr. Isaac Dahan que era o *sheliach*¹⁴, apesar de Ely fazer parte do governo israelense e ter influencias, o pedido foi negado para não gerar comoção na cidade de Manaus, pois sempre respeitaram a crença dos católicos. Conforme seu Isaac, não é proibido, mas o que importa para os judeus é respeitar as religiões e suas crenças sem discriminação.

Isso mostra que a crença no santo milagreiro não corresponde apenas a uma prática da cultura popular católica, mas uma prática que ultrapassou os limites do judaísmo, ou seja, a fronteira étnica foi rompida e passou a fazer sentido fora do seu próprio grupo. (ALMEIDA, 2011:728)

¹⁴ Conselheiro comunitário e pessoa que através de seus conhecimentos propagam a prática da Torah. SALGADO, 2006

Em uma visita ao Israel, David Salgado, como narra em seu artigo publicado em 2011, em uma conversa com Meyr Muyal, sobrinho do *Rav* Muyal, relata histórias contadas por seu pai sobre seu irmão que vivia no Marrocos. David Salgado levou o vídeo *Eretz Amazônia*, produzido por Samuel Benchimol, onde aparece a sepultura do *Rav* Muyal, David conta em poucas palavras que era notável a ansiedade em ver seu tio, e quando o jazigo aparece, todos se emocionam. “As lágrimas escorriam por sua face ao ver a sepultura do tio Rabino, o mesmo da história tantas vezes contada por seu pai.” (SALGADO, 2011)

Depois do contato dos sobrinhos, duas bisnetas do Rabino entraram em contato com o Comitê Israelita para contar um pouco mais da história do Rabino Muyal, que saiu do Marrocos com uma filha no colo de sua mulher e uma em seu ventre.

Ao passar dos anos as placas e velas em cima e em volta da sepultura do Rabino iam desgastando mais, foi então que os judeus resolveram fazer uma pequena mureta para o gradeado na sepultura, segundo a dona Maria. Reformaram seu tumulo, que segundo seu Isaac Dahan é de responsabilidade do Comitê israelita, não só a do Rabino, mas as outras *kevurot*¹⁵ que se encontram no cemitério comunal, e ainda segundo ele, com todo cuidado para não tirar suas características originais, nem a ortografia da época foi atualizada. Assim, os judeus e os católicos poderiam visitar a sepultura do Rabino sem danificá-la, pois é aberto para fazer seus pedidos e homenagens.

¹⁵ Sepulturas. DAHAN, 2009: 245

Figura 10- Velas acesas para o Rabino Muyal/Santo Judeu.



Fonte: Isabel Pereira, 2019

3.1 – SEPULTAMENTO JUDAICO

Seu João é quem faz o sepultamento judaico na cidade de Manaus, esposo de dona Maria, ambos católicos.

Às vezes chega só o corpo, depois que a família chega. Eu que cavo as sepulturas, há 30 anos. É só a reza deles normal de enterrar. Aí as sepulturas são viradas lá pro portão porque eles falam que é onde nasce o sol, aí pra lá é o pôr-do-sol. O caixão é de madeira mesmo. Deve ter quase quinhentas sepulturas aqui. (seu João, entrevistado no dia 6 de setembro de 2018)

O morto é enrolado em uma mortalha depois da lavagem e purificação do corpo, o que seu João me disse ser um ritual privado da família e o purificador. O caixão deve ser feito de madeira, sem adornos, a madeira permite um rápido acesso do corpo com a terra, para que ele se reintegre de onde veio. Todo comunidade judaica tem sua *hebrá*.¹⁶

Morreu na sexta, espera pra ser enterrado no domingo, nada funciona no sábado, nada, nada, eu só guardo o corpo no frigorífico e espera o domingo, aí, é, não tem horário pra sepultar, eu apenas guardo, sem tocar, chega no caixão aí eu

¹⁶ Instituição carregada dos sepultamentos e cemitérios.

coloco na sala lá. E eles que fazem as coisas lá, falece no hospital e eles trazem pra cá pra ajeitar. O sepultamento sempre assisto, é normal, eles fazem a reza lá em hebraico, mas é igual o nosso. Assim, mas tem uma coisa, sabe o que eu acho bonito deles? Eu sempre falo pros meus filhos, que quando eu morrer, eu quero ser sepultada e velada que nem judeu. Rápido! Faleceu não tem esse negócio de passar a noite velando. (dona Maria, entrevistada no dia 6 de setembro de 2018)

Os judeus visitam a *kevrá*¹⁷ do Rabino no dia de seu *yortsait*¹⁸ e no período de *Rosh Hashaná* e *Iom Kipur*¹⁹. No calendário judaico, dia 1 de Adar, dia de seu *yortsait* se realiza uma *Hilulá*²⁰ em sua memória na sinagoga de Manaus.

Figura 11 – Sala de espera e de preparação do corpo para o sepultamento.



Fonte: Isabel Pereira, 2019

3.2 - O MÊS DE *ELUL*

Primeiro dia do mês de Elul de 5779 (1st of Elul, 5779), no calendário cristão foi dia primeiro de setembro de 2019. Sendo em 30 de outubro de 2019, do calendário cristão, um

¹⁷ Sepultura. DAHAN, 2009:246

¹⁸ Dia do falecimento. DAHAN, 2009:246

¹⁹ Dia do perdão, DAHAN, 2009:204

²⁰ Cerimônia religiosa em homenagem ao que partiu. Entrevista com Isaac Dahan

novo ano que iniciou para os judeus, o ano de 5780 (1st of Tishrei, 5780). O *Iom Kipur* no calendário cristão aconteceu no dia 9 de outubro de 2019, e no judaico, 10th of Tishrei, 5780.²¹

Este mês antecede *Rosh Hashaná* e vai até o dia de *Iom Kipur*, são 40 dias dedicados ao à meditação e ao recolhimento. É considerado uma das festas judaicas, segundo Dahan, são eventos considerados austeros no ano judaico, é de um caráter totalmente religioso, onde o indivíduo se põe em um duplo tribunal, com sua própria consciência e com Deus. Suas cerimônias, diferentes das outras, são conduzidas pela seriedade e reverência, sua comemoração é realizada por cerimônias religiosas e atos de austeridade.

Segundo nossos mestres, em 1º de Elul, Moisés, tornou a subir o Monte Sinai para receber as segundas tábuas da lei e ali permaneceu por 40 dias e 40 noites, ao cabo das quais regressou com as novas tabuas e com o perdão de Deus pelo pecado do Bezerro de Ouro. E durante esses 40 dias os israelitas viveram entregues ao exame de suas consciências e ao arrependimento. (DAHAN, 2009:198)

Assim crendo os judeus que estes dias são dias de meditação e arrependimento dos seus pecados para conquistarem o perdão divino, que acontece no *Iom Kipur*, “[...] vem a ser, pois, um despertar da consciência ante a iminência do juízo Divino.” (DAHAN, 2009:199).

Durante o mês de Elul, é tocado o *shofar*²² nos ofícios matinais da sinagoga para tirar os judeus de sua letargia moral, remetendo a memória do ano que se passou e ao ato de implorar o perdão de Deus pelos pecados cometidos. Dr. Dahan descreve de forma emocionante o som deste instrumento de sopro

Nenhum instrumento, por grave ou retumbante que fosse o seu som, conseguiria chegar ao coração e ao espírito do judeu com a mesma eficácia que chega o toque do *shofar*. Som peculiar, estridente – difícil explicar ter esse som saído de um chifre de carneiro – com a virtude de surpreender os ouvintes, enchendo-os de emoção em que se misturam, por igual, o temor e a esperança. (DAHAN, 2009:200)

Nas orações feitas neste período, são pronunciadas as *selichot*²³, essas que são feitas a partir da madrugada do segundo dia do mês de Elul e é neste período que os judeus costumam ir ao cemitério para se aproximarem dos membros que já partiram e que foram guias e modelos das práticas judaicas em vida, daí se dá a importância de um cemitério israelita, segundo Benchimol, esse dia de visita ao cemitério muito contribui para reforçar a necessidade de ainda ter um terreno judeu para enterrar seus mortos, comparando ao jazigo familiar, como um

²¹ Calendário judaico da revista Morashá.

²² “O som do shofar (instrumento de sopro) é uma prece sem palavras cuja eloquência expressão alguma seria capaz de transmitir, trazendo consigo uma mensagem de redenção e arrependimento para todo o Povo de Israel.” O toque do Shofar e seus simbolismos. Revista Morashá, 2019, ed.105

²³ Preces invocadoras de perdão. DAHAN, 2009:199

território para o descanso de sua família. Esta separação, no início, se deu por conta dos muros das judiarias, eles não podiam ser enterrados fora, pois os que enterrados em cemitério cristão, seriam considerados impuros e condenados.

Há na Amazônia 14 cemitérios judeus, todos significam que ali viveu ou ainda vivem famílias judaicas, “[...] e cada sepultura, na singeleza da lápide de mármore frio, com a inscrição em hebraico e português, do nome, data do nascimento e morte do falecido e uma prece de paz à sua alma, representa o fim e o destino de uma vida que passou pela Terra e deixou muitas saudades, recordações e lembranças a todos os seus queridos familiares.” (BENCHIMOL 1998:np).

Na visitação ao cemitério israelita antes de *Iom Kipur*, os judeus recitam o *kadish*²⁴, recitada por um grupo de homens para que todos que estão no local escutem e é dirigida a todos os sepultados.

O *kadish* é recitado em aramaico seguindo uma definição do Talmud de que apenas a leitura da Torá precisa ser feita em hebraico nas sinagogas. Todas as outras orações, canções e salmos podem ser ditas e lidas em qualquer língua, menos árabe. O único ponto do *Kadish Yatom* que fala em morto se refere apenas a “todos os que partiram do mundo” de forma genérica. Assim, mesmo os judeus que compreendem hebraico não necessariamente compreendem o *kadish*, daí, a imensa maioria o considerar como uma ‘oração dos mortos’ e recitá-la com tristeza e dor e não com alegria e júbilo. (FERREIRA, 2018)

Por volta das sete horas da manhã às oito horas os judeus vão chegando no cemitério, no ano de 2018 pude presenciar este dia, cheguei cedo e fiquei sentada em uma cadeira próximo ao pote de pedras que dona Maria tinha catado para deixar na entrada junto ao porta guarda-chuva. Todos pareciam se conhecer, alguns estavam se reencontrando, outros falando de assuntos cotidianos, um ambiente familiar.

Logo seu Isaac Dahan chega para realizar a oração, todos ficam em pé na parte do gramado, poucos ficaram entre as sepulturas, a oração foi iniciada pelo dr. Dahan, logo ouço um coro masculino repetindo, sem entender nada pois era em outra língua, eu estava mais atrás, onde poderia observar a todos, os homens tinham uma pasta na mão que foi entregue logo que o dr. Dahan chegou. Mulheres, crianças, homens, jovens e idosos estavam presentes e prestando bastante atenção na oração, que ao ser terminada, os que ainda não tinham ido a sepultura de seu ente se encaminharam até lá, colocavam uma de sua mãos em cima da sepultura e na outra

²⁴ “O *kadish* é conhecido pelos judeus como ‘oração dos mortos’, mas é uma declaração de fé, oração de louvor a Deus e confiança em Deus.” FERREIRA, 2018

uma pedra, um momento íntimo e particular. Ali tinham umas 30 pessoas, dentre elas, apenas uma chorou na visita a sepultura.

[...] Assim sendo, as obrigações dos vivos para com o bom destino do morto não acabam no sepultamento, uma vez que elas se estendem através das visitas e rezas espirituais ao cemitério; incidem uma série de comportamentos diários dos vivos em relação à pessoa que morreu. (AMORIM, 2016: 72)

Figura 12- Oração judaica em dia de visitação ao cemitério.



Fonte: Isabel Pereira, 2018

Seu Isaac Dahan, que sabia o que eu estava fazendo ali, disse que agora iam até o túmulo do rabino e me convidou para segui-los. O cemitério cristão estava praticamente vazio, então fomos andando até a sepultura do *Rav* Muyal. Lá, se organizaram em volta, os homens que fizeram o coro na oração antes, continuaram juntos do lado direito, tendo como referência a frente da sepultura, esta que é virada para o nascer do sol e sua traseira para o pôr-do-sol. Recitaram novamente a oração, ficaram um tempo por lá, conversaram, os que ainda não haviam se cumprimentado estavam se cumprimentando, falavam sobre seu dia, sua vida. Os homens entregaram ao dr. Isaac a pasta que continha as orações e por fim, se despediram.²⁵

²⁵ Indico o vídeo de Anne Benchimol de 29 de setembro de 2009 “Hazkarat Neshamot Beerev Yom Kippur I-Kadish - Rabi Shalom Emanuel Muyal Z’L - Manaus Amazonas”, disponível no YouTube.

Figura 13- Visita judaica na sepultura do Rav Moyal



Fonte: Isabel Pereira, 2018

4 – ETNOGRAFIA DE UMA SEPULTURA QUE CONVOCA JUDEUS E CATÓLICOS NA CIDADE DE MANAUS

A sepultura fica no meio do cemitério, entrando na rua ao lado esquerdo da capela do São João Batista, andando um pouco de 100 metros, o ponto marco para a sepultura ser achada é o jazigo de Santa Etelvina, anda-se mais um pouco e logo se avista um jazigo de mureta de mais ou menos 90 centímetros de altura, 2 metros de comprimento e 1 de largura e a parte de trás com uma parede de mais ou menos 2 metros e meio, com uma lápide em cima, pintada de azul claro, a cor da sinagoga *Beth Yaacov Rebi Meyr*, com uma grade por cima que chega até a lápide, tudo apenas para proteção e conservação, o portão de seu jazigo não há cadeados, sua lápide é feita de mármore branco, há nelas escrituras quase impossíveis de serem lidas ao todo, pois as pedras cobrem as letras em hebraico e em português, uma de cada lado, direita e esquerda, respectivamente. Aos arredores da mureta, várias placas deixadas pelos fiéis que tiveram suas graças alcançadas afixadas na mureta, hoje, a mais antiga data de 1973. Muitas já se quebraram com o tempo, outras podem ter sido perdidas na reforma, as que ficam do lado de fora muitas já estão quebradas, a maioria feita de mármore, na cor branca, segundo Benjamim, é normal que as pessoas usem as placas de graças alcançadas e muita das vezes, feitas por elas mesmo, em outras, são encomendadas.

A prática mais tradicional da comunicação, nas devoções populares, é a entrega do exvoto. No ex-voto paga-se o compromisso de natureza contratual com o santo. A entrega do exvoto é, porém, a publicização da intervenção o milagre ou, mais modestamente, a graça alcançada mensagem cujos receptores são os outros devotos ou pessoas que circunstancialmente passem ou visitem o local da devoção. Quanto mais ex-votos depositados, mais provados ficam os benefícios alcançados pela intercessão do santo, o que faz crescer a fama e despertar o interesse de novos devotos. (BENJAMIM, 2003:44-45)

Figura 14- Foto das escrituras na lápide do Rabino Moyal/Santo Judeu.



Fonte: Isabel Pereira, 2019

Dona Maria, que trabalha há 25 anos cuidando do cemitério israelita São João Batista, ainda sem entender o motivo do cemitério israelita, em suas palavras, ser limpo, pois não há cruz, velas e flores.

Eu sirvo as coisas aqui, ajudo nas coisas aqui, aí eu não tenho assim né, até porque eu não sou da religião né? Só sou funcionária daqui, mas lá eles dão tudo detalhado, as datas, os significados das letras, das pedras, das coisas, eles explicam tudo. Ai como você ver, é um cemitério limpo, que não tem cruz, não tem vela, não tem flores né? Ai tudo isso tem um significado, mas aí só lá mesmo que até eu mesmo nunca tive essa curiosidade de perguntar 'o porquê isso, o porque aquilo?' Eu sempre fico no meu lugarzinho, sabe? Eu não fico muito de curiosidade. (Dona Maria, entrevistada em 6 de setembro de 2018)

No dia dois de novembro de 2019, Dia dos Finados, data celebrada pela igreja católica, a partir do século II já era possível notar orações em lapides, mas apenas no século IX que o dia foi oficializado pelo Papa Leão IX, para lembrarem todos os mortos que não são lembrados durante o ano, é uma data de afeto, amor pelo que se foi, para que sua alma que possa estar aflita, encontre consolo. Dona Maria, conta que anos atrás a sepultura do Rabino ficava rodeada de pessoas assim como estava na missa em frente à capela do cemitério São João batista, cerca de 300 pessoas e que neste dia não era possível falar com nenhum judeu ali, pois os sábados para eles são guardados e nunca vão ao cemitério, mas como o Rabino também é homenageado pelos católicos e sua sepultura está no cemitério comunal, é comum que sempre vá gente para visitar sua sepultura, que segundo ela, no Dia dos Finados é um número maior de fieis devotos ao Santo Judeu Milagreiro que passam pela sua sepultura.

Figura 15- Devotos na sepultura do Rabino Moyal/Santo Judeu.



Fonte: Isabel Pereira, 2019

Figura 16- Portão central do Cemitério São João Batista.



Fonte: Isabel Pereira, 2019

O jazigo do *Rav Moyal* fica bem no meio de outros cristãos, no Dia dos Finados é possível ver famílias reunidas em vários jazigos por perto, sentada em um banquinho de uma sepultura atrás do rabino, pude olhar em volta e observar uma família, umas 10 pessoas, de diferentes faixas etárias felizes, sentadas junto ao túmulo de seu ente e em uma reunião particular, esta lembrança me veio ao ler o texto de Santos e Maia (2008), que parecia não ser de uso para minha pesquisa, mas agora vejo a diferença dos mortos privados e mortos públicos. Os autores deste artigo²⁶, abordam a segunda morte, que é quando se é esquecido em um cemitério, tive este sentimento no túmulo que estava em minha frente, onde sentei em um banquinho e fiquei olhando para aquele túmulo, cheio de mato, parecia abandonado, não havia lápide, não sabia quem estava ali, um sentimento diferente quando olhei para ao túmulo ao lado direito, que logo foi chegando gente, uma senhora e um senhor de idade, que levaram velas, flores e fizeram suas orações, com semblantes mais tristes do que os da família reunida ao lado esquerdo, então a senhora virou-se e foi acender uma vela ao rabino, a questioneei a quanto

²⁶ Santos, Fabiane e MAIA, Jean. Hagiografia de cemitério: História social e imaginário religioso nas canonizações populares em Manaus. Publicado na Revista eletrônica Os Urbanistas, São Paulo, v.5, 2008.

tempo ela acendia velas ao rabino e ela disse que desde que seu ente querido ali foi enterrado, ele estava perto e estava cuidando dele.

Santos e Maia tratam em seu artigo essa diferença dos mortos privados e mortos públicos, onde os privados recebem a visita apenas de sua família, amigos e conhecidos, esses que levam velas, flores, objetos simbólicos, fotos, mas não levam os pedidos de intercessão, estes que são exclusivos aos mortos públicos, que recebem pedidos.

Não se sabe ao certo o motivo do *Rav Moyal* ser visto pela comunidade católica como um santo, dona Florzinha, neta de dona Cota, a mulher que cuidou do Rabino, contou para seus netos e para Isaac Dahan, que sua vó foi agraciada com o dom da cura de enfermos por ter cuidado do Rabino, assim fazendo crer a comunidade católica que o Rabino concedia graças, a partir daí, se tornando este Santo Judeu Milagreiro.

A mureta de sua sepultura é rodeada de placas de graças alcançadas, essas que são colocadas em seu túmulo como agradecimento aos milagres concedidos pelo Rabino. Hoje, são 54 placas de graças alcançadas, 54 pessoas que receberam seu milagre, são preces ouvidas. Fora as que já foram tiradas, quebradas e as que se perderam com o tempo e a reforma.

Figura 17- Foto da sepultura e das placas afixadas na mureta do Rabino Moyal/Santo Judeu



Fonte: Isabel Pereira, 2019

Figura 18- Foto das placas e das pedras na sepultura do Rabino Muyal/Santo Judeu.



Fonte: Lucas Reis, Folha de São Paulo, 2014

Em um artigo do judeu David Salgado, ele narra uma história muito conhecida em Manaus, assim são suas palavras, onde um senhor com um problema no pescoço que vivia com a cabeça quase encostada no ombro, desacreditado pelos médicos de haver uma cura, sua mãe decidiu ir até o tumulo do *Rav* Muyal e pedir a cura milagrosa para seu filho, uma certa manhã seu filho acordou com sua cabeça normal, na noite que passou, ele conta que sonhou com uma mão puxando seu pescoço que estava quase grudada ao ombro para a posição vertical.

No Dia dos Finados, é o dia que mais se encontra católicos na sepultura de Rabino Muyal, dona Socorro, católica, em uma visita a sepultura do Santo Judeu Milagreiro, conta que está ali pelas histórias de pessoas com muitas graças alcançadas e fala que ele se tornou um santo milagreiro pelas graças que concede as pessoas.

Tirava uma pedra de lá, agora cercaram tudo né, colocava uma e tirava uma, eu tinha vários colegas de faculdade que viemos aqui, tiraram uma pedra né, ai passaram, com exceção de uma que veio e tirou e colocou uma pedra deste tamanho

‘fazendo um gesto de uma pedra maior que as que avistamos no tumulto’ e colocou aqui e até hoje não passou, foi fazer de graça né? Era aberto aqui, agora fecharam aí e fica difícil, não faço mais nem pedido, só venho aqui acender vela pra ele e agradeço mesmo. (Dona Socorro, entrevistada no dia 2 de novembro de 2019)

Muitas pessoas vão até a sepultura do Rabino em silêncio, preferem acender sua vela e no final da prece, não desejam falar com uma desconhecida sobre o que lhe levou ali. Outras se sentem felizes em ver que podem contribuir na busca da história do Santo Judeu Milagreiro. O público varia de idade, vão crianças que acompanham seus pais, jovens, adultos e a maioria são pessoas idosas, até estudantes que estudam santos populares na cidade de Manaus é possível encontrar por lá.

Uma moça católica que estava perdida pelo cemitério e que não achava a sepultura de um ente, ao passar pela sepultura do Santo Judeu Milagreiro lembrou o que sua tia lhe dizia, que ali estava enterrado um santo que concedia graças, que era preciso levar uma pedrinha até ele e fazer o pedido, nunca ouviu seu nome em uma missa, pois como muitos santos populares, ele não foi canonizado, mas acredita que suas graças serão concedidas pelo Santo Judeu Milagreiro.

A quantidade de devoções e práticas admitidas não foi suficiente para satisfazer as necessidades espirituais das populações, ocorrendo devoções não canônicas, isto é, a consagração como santos de pessoas não reconhecidas como tal segundo as regras de declaração do estado de santidade e autorização para a realização de culto pelas autoridades eclesiais, segundo as normas do Direito Canônico. (BENJAMIM, 2003:41)

O Rabino, como já vimos até agora, veio para o Brasil para dar um suporte espiritual para os judeus aqui vivendo sem nenhuma orientação rabínica, após sua morte e os acontecimentos post-mortem é considerado hoje como o Santo Judeu Milagreiro, a comunidade católica não sabe ao certo o porquê vão fazer suas preces para o Rabino, uns dizem que é pelo dom da cura dado à dona Cota, outros vão pois afirmam que se tem placas de graças alcançadas, milagres já foram concedidos. Segundo Benjamim, há dois tipos de santos populares, os iluminados, estes que geram um sentimento de gratidão, pois foram pessoas boas na terra, que cumpriram seus propósitos e ajudavam pessoas enquanto vivos, e o outro tipo são pessoas mortas que foram vítimas de doenças ou mortes violenta, no caso, Santa Etelvina, que foi morta em um crime passional e gerou grande revolta, também de um santo jovem que foi acusado de assassinato, mas hoje recebe devotos, principalmente estudantes que querem passar de ano ou em uma universidade. Dentro deste segundo tipo de santo, para Benjamim, existem três grupos que os diferenciam, o primeiro são crianças, vítimas de injustiças, o outro vítima de pessoas que foram mortos de forma brutal, no caso da Santa Etelvina e o terceiro são pessoas que não

viveram de forma justa, como bandidos, assassinos e os devotos acreditam na possibilidade do perdão.

Outro fato interessante são as pedras colocadas em cima do túmulo, a primeira vez que vi uma pedra foi em busca do meu tema de pesquisa no cemitério israelita, que muito me chamava atenção pelo fato de ser separado do cemitério comunal, cristão. Esta que tem o significado de repassar ao morto judeu todo o sentimento e palavras da pessoa que vai lhe visitar. Ela ser usada pelos católicos é curioso, pois além da pedra, também lhe é usado velas, que são usados para fazer orações ou pedidos para santos, assim como pude perceber na sepultura da Santa Etelvina, onde as velas são as únicas coisas que rodeiam o jazigo de Etelvina Alencar. Como também visto na casa de meus bisavós Maria Madalena Sales e Faustino Sales, onde apenas acendem velas para os santos, não só em casa, mas nas igrejas. Pude ver também na Catedral de Notre Dame, em Paris, nas alas dos santos, onde várias velas são acesas para homenagear, fazer preces ou orações.

Figura 19 – Pedras em cima de uma sepultura judaica.



Fonte: Isabel Pereira, 2019

Segundo Maurice Malbwachs, a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, um fenômeno que é construído coletivamente, assim, podendo ser acometido por modificações, transformações. Apesar de haver marcos imutáveis, mas quando ela é passada de forma oral, ela pode ser repassada com acréscimos ou a falta de informações.

Na sepultura do Santo Judeu Milagreiro é possível ver incontáveis pedras, dona Maria fala que ao ir limpar o jazigo do Rabino, ela tira as pedras e depois as põe no mesmo lugar, pois elas significam muito para quem vai pedir e diz que seria desrespeitoso não fazer deste jeito. No dia dois de novembro de 2019, Dia dos Finados, pude ver em frente a sepultura do Rabino, um senhor de meia idade, estava de calça jeans, um tênis e uma camisa amarela, nela estava a imagem de uma santa e escritos sobre comunhão, ele passou horas em frente a uma sepultura, quando o olhei discretamente, ele segurava uma pedra com tanta força, notável que ele estava expressando seus sentimentos ali, mas em silêncio. A última vez que vi uma cena como aquela, foi no segundo mês do dia de *Elul*, do calendário judeu, dia que os judeus visitam o cemitério para aproximarem dos que já se foram.

Olha, o Rabino vem muita gente de fora aqui, muita gente estrangeira, muita gente de países estrangeiros, que conheceram a sepultura do Rabino, ele faz milagres, as pessoas que conseguem as coisas, através da fé né mana? Através da fé, ai vem muita gente aqui pedir pra ir lá, tem gente que pede pra limpar, tem muita gente que recebe a graça e como agradecimento quer limpar o local que ele tá, ai coloca a plaquinha, amanhã é dia de eu lavar lá, deixar bem bonitinho pra domingo²⁷. (Dona Maria, entrevistada em dia 6 de setembro de 2018)

Em uma das conversas ao redor da sepultura do Rabino, um senhor se aproximou da sepultura e fui até ele logo após acender sua vela, me apresentei e ele parecia não me entender, mas sua presença ali foi de suma importância, seu Armando foi paciente e devoto ao Santo Judeu Milagreiro, fez seu pedido, acendeu sua vela e observou a minha aproximação, logo sorriu e me disse “Bom dia”.

Seu Armando: Tá queimando tudo

Eu: risos. Tudo bem com o senhor? Me chamo Isabel (interrompida)

Seu Armando: Quer que eu faça uma prece?

Eu: o senhor é católico, evangélico?

Seu Armando: tu quer que eu peça ou tu pede?

Eu: eu queria que o senhor me falasse seu sentimento sobre este momento, que lhe traz até a sepultura do Rabino?

²⁷ Dona Maria se refere a domingo dia 9 de setembro de 2018, dia que começa o Rosh Hashaná para os judeus, ou seja, o primeiro dia do ano

Seu Armando: Tu fizesse, fizesse algum concurso agora?

Eu: ainda não, estou terminando meu curso de Antropologia.

Seu Armando: antropologia? Aah bom.

Eu: Vi que o senhor acendeu uma vela pro Rabino, queria saber o que lhe traz aqui na sepultura do Rabino?

Seu Armando: Você quer uma vela pra acender pra ele?

Eu: Aceito sim, muito obrigada.

Seu Armando: Já acendi a minha aqui pra ele porque eu tenho a minha nora e ela fez o concurso pra juíza, e eu quero pedir, eu pedi pra ela passar.

Eu: irei fazer um pedido também, o senhor pode acender a minha? Não trouxe fosforo

“Seu Armando acende minha vela com todo cuidado e pede a Deus que me abençoe, ao ir embora, volta dois passos e em um tom mais alto fala”

Seu armando: AAAAA, tem que botar uma pedrinha, faz um pedido e bota uma pedra, faz o pedido e bota uma pedra, tá bom? Então que Deus te abençoe.²⁸

Pude colocar minha vela, fiz um pedido e agradei a Deus por ter conhecido seu Armando, que despertou em mim um sentimento e uma visão diferente para aquele momento. Logo após a saída de seu Armando, surgiu por trás da sepultura uma mulher, dois menino e uma menina, os jovens aparentavam ser da mesma idade, vi que eles não tinham velas em suas mãos, que apenas olhavam o tumulo com curiosidade, me aproximei e ao conversar sobre o que estávamos vendo na sepultura, ela me disse que era professora e que seus alunos estavam fazendo trabalhos sobre santos populares de Manaus, que já tinham ido visitar o de Santa Etelvina que fica bem próximo ao do Santo Judeu Milagreiro e que um de seus alunos iria falar sobre Muyal, trocamos ideias e conhecimentos, conversei com os alunos pois eles não sabiam muito sobre o Rabino, falei que podiam ir até o comitê israelita que é onde mais se encontra coisas sobre o Rabino.

Gabriel, o aluno que pesquisava sobre o Rabino tinha apenas uma informação que encontrou na internet, que a família do Rabino o tentou levar para Israel depois de morto. Então lhe passei o endereço do CIAM para que pudesse de aprofundar na história do Rabino e o convidei para ficar ali perto de sua sepultura junto a mim para ver os católicos fazendo suas preces. Conversamos sobre a história dos judeus na Amazônia e do Rabino e logo depois apareceu dona Salete e seu filho Ítalo de apenas 18 anos, ele conta que sua mãe lhe levou este dia lá pois na semana que vem ele iria fazer uma prova de vestibular e foi pedir para o Rabino que ele pudesse entrar na faculdade que queria.

²⁸ Diálogo com seu Armando no dia 2 de novembro de 2019, Dia dos Finados

Nas palavras de Santos e Maia, (2008) a relação entre santo e devoto sem a mediação da instituição religiosa torna a relação de proximidade com o santo do povo muito mais estreita e direta. Eles falam que entre as pessoas ouvidas durante o processo de pesquisa em campo, as respostas sobre como conheceram o Santo Judeu Milagreiro eram quase as mesmas, ouviram de seus pais, tias, avós, conhecidos, amigos, sempre por terceiros, nunca pela igreja. E a relação entre o Santo Judeu e o devoto sempre individuais, uns pedem saúde, outros pedem bençãos materiais, outros para passarem em provas, outros para o pagamento de dívidas etc. Diferentemente aos pedidos direcionados aos santos canonizados, que na maioria de suas vezes são pedidos realizados a um santo ou santa diretamente; quero me casar, Santo Antônio.

Por último, deste dia, apareceram duas moças, ao me aproximar delas, uma usava em seu pescoço um colar com pingente da estrela de Davi, perguntei se elas eram católicas e elas falaram que não, falaram que eram descendentes de judeu, mas que não seguiam mais a religião, diziam que seu bisavô veio para a Amazônia e o sentimento de gratidão ao Rabino continua na família até hoje, elas foram fazer sua oração e agradecimento ao Rabino, todos os anos elas vão prestar homenagem no Dia dos Finados em sua sepultura, jamais esquecendo de agradecer por ter vindo do Marrocos para dar a orientação para os judeus que aqui na Amazônia estavam vivendo. “Uma coisa muito importante, um judeu sempre lava os pés ao sair daqui.”²⁹

Os devotos que visitaram o túmulo do Santo Judeu Milagreiro no Dia dos Finados, todos levaram uma vela, outros caixas, alguns pegavam uma pedra e devolvia outra, outros apenas colocavam a pedra. Tinha os que passavam e faziam o sinal da cruz – Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém. É um momento particular, onde as preces são feitas em um tom de voz que quem está ao lado não consegue escutar, olhos fechados e o devoto sempre em volta da sepultura.

²⁹ Relato de uma das descendentes de judeus na conversa no Dia dos Finados de 2019.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou mostrar a figura do rabino Emanuel Moyal, enquanto rabino para os judeus e santo milagreiro para a comunidade católica de Manaus. Para entender a vinda do *Rav* Moyal para a Amazônia, foi necessário entender, através de levantamentos históricos, narrativas e memórias do povo judeu, a migração deste povo para o Brasil, com recorte temporal, abordando os motivos que os trouxeram até aqui e os que lhes fizeram permanecer até hoje.

Rabino Moyal/Santo Judeu, que hoje está sepultado no cemitério cristão São João Batista, é alvo de peregrinações das duas religiões. O jazigo do santo Judeu é mais visitado pela comunidade católica de Manaus no Dia dos Finados, onde eles levam velas, flores e fazem seus pedidos, suas promessas. Para os judeus, há um dia reservado para visita ao cemitério, antes do ano iniciar para eles.

É importante não apenas declará-lo como santo, mas reconhecer os feitos e memórias da comunidade que o tornaram como tal, há vários relatos de cura, prosperidade e bençãos. Há práticas funerárias católicas realizadas em sua sepultura, há peregrinações, há orações, pedidos, as mais variadas promessas. Um santo não canonizado pela Igreja Católica, mas adorado pela comunidade manauara, pessoas de todas as idades sendo devotas ao Santo Judeu Milagreiro, que desde sua morte, com a graça do dom da cura dada a dona Cota, concede milagres.

Para os judeus, o *Rav*, homem sábio e que deixou sua família e amigos no Marrocos para dar orientações espirituais para famílias aqui abrigadas, um sentimento de gratidão. Todo o ano, na data da sua morte no calendário judaico é realizado uma cerimônia religiosa para o *Rav* na sinagoga Beth Yaacov Rebi Meyr, segundo os judeus ouvidos em pesquisa.

As memórias do povo judaico resgatam e ressignificam o sonho de uma terra sem males, uma terra para que vivam a construção de um novo lar, a vinda do *Rav* para o Brasil significa para eles a liberdade de culto, da sua religião, assim como a construção de sinagogas. Podemos ver esta gratidão no ato de não remover o corpo do rabino do cemitério comunal, pelo zelo que lhe é lavado, cuidado e principalmente, como foi restaurado por Isaac Dahan, que teve todo o cuidado para não mudar nada.

Para os católicos, um sentimento de gratidão também, pois foram graças alcançadas, milagres concedidos e podemos ver esta gratidão em forma das placas alcançadas, nas orações de agradecimento realizadas em sua sepultura, nas histórias contadas com animo sobre pedidos feitos.

Para as duas religiões, um sentimento compartilhado, gratidão e o desejo de que as futuras gerações não esqueçam da figura do Rabino Moyal/Santo Judeu Milagreiro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Ariadina Cidade. Imigração Judaica no Amazonas. In: **Anais do I Seminário Internacional História do tempo Presente**. Florianópolis: UDESC; ANPUH-SC; PPGH, 2011, p. 723-734
- AMORIM, Genoveva. **Imagens de vida e festejos no cemitério. Etnografia da morte na comunidade Mundo Novo (Esperantina – Piauí)**. Editorial Universitaria Abya-Yala. Quito-Ecuador, diciembre 2016.
- ATHIAS, Roberto de Amram. Os Sefarditas, quem são e onde estão?. **Blog Medium**, Oct27. Disponível em: <https://medium.com/@rathias/os-sefarditas-quem-s%C3%A3o-e-onde-est%C3%A3o-f5c95c322cb4>. Acesso em 14/09/2019
- BLAY, EA. Judeus na Amazônia. In SORJ, B. org. **Identidades judaicas no Brasil contemporâneo[online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 25-57. ISBN: 978-85-9966-260-1. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>. Acesso em 24/08/2019
- DAHAN, Isaac. **OrGadol- Comentários sobre a Torá e as festas judaicas**. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2009.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: formação Social e Cultural**. 3ª ed. – Manaus: Editora Valer, 2009.
- ERETZ AMAZÔNIA – Judeus na Amazônia Brasileira. Duração: 57:57. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=ZlvxIl6Hp-o>
- BENCHIMOL, Samuel. **Eretz Amazônia – Os Judeus na Amazônia**. Editora 247 S.A. 3 de maio de 2013. eBook Kindle. Acesso em 29/19/2019
- BENJAMIM, Roberto. Devoções populares não-canônicas na América Latina: uma proposta de pesquisa. **Revista Internacional de FolkComunicação**, v.1, n., Jan./Jun. 2003.
- CALENDÁRIO JUDAICO**. Revista Morashá. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/calendario-judaico.html#q=calend%C3%A1rio>. Acesso em 22/11/2019
- FERREIRA, Leandro. Kadish (Abençoado) Em Português: A Oração Dos Mortos. **Blog Cultura Hebraica**, 7 de abril de 2018. Disponível em: <https://culturahebraica.blogspot.com/2018/04/kadish-abençoado-em-portugues-oracao.html> . Acesso em 17/09/2019
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.
- NIEMEYER, Thiago de. As cidades dos mortos: memória e práticas funerárias entre os judeus de Paramaribo, Suriname. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.4, n.11, Jul./Dez.2014

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212

REIS, Lucas. **Santo Judeu Milagreiro**. Folha de São Paulo, 2.jul.2014.

SALGADO, David. A Verdadeira história de Ribi Muyal, em Manaus. **Revista Morashá**, Ed. 53, Junho de 2006

SANTOS, Fabiane Vinente dos; MAIA, Jean Ricardo Ramos. Hagiografia de cemitério: História Social e Imaginário religioso nas canonizações populares em Manaus. **Revista Eletrônica os Urbanitas**, São Paulo, v. 5, 2008

VELTMAN, Henrique. **Os Hebraicos da Amazônia. Março/2005**. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12979333/os-hebraicos-da-amazonia-por-henrique-veltman>. Acesso em 30/10/2019